

Os afetos são sinais de um tempo que não passa?¹

Ana Flávia Petrovcic Fattore

Resumo

É em nome dos sintomas que afetam um sujeito que a demanda pelo tratamento analítico se institui. Seriam essas afetações sinais de um tempo que não passa? A fim de responder a essa pergunta, o presente artigo pretende situar os afetos na experiência psicanalítica, partindo do pressuposto de que, como fenômenos, eles podem não ser bons guias para uma análise. Neste artigo, percorro na obra lacaniana o que possibilita articular o campo manifesto dos afetos — dimensão imaginária espacial do sujeito — e a angústia, definida desde os primórdios como relativa ao desejo e aos tempos da castração. Por apontar para o estrutural, a angústia se torna afeto destacado, ao indicar a direção do objeto *a*, índice do real, não sem se articular ao sintoma e à inibição. A fantasia neurótica é suporte do desejo, em que o sujeito oferece sua castração ao Outro, mantendo-se temporalmente preso a esse instante. Na análise, a separação do desejo do Outro é o que permite ao sujeito se sustentar diante dos adventos do real sem se sentir ameaçado em sua existência; modulações de linguagem que permitem ao afeto passar, incidindo na temporalidade da experiência subjetiva singular de cada um.

Palavras-chave:

Afetos; Tempo; Angústia; Imaginário.

Are affections signs of a time that does not pass?

Abstract

It is in the name of the symptoms that affect a subject that the demand for analytical treatment is established. Could these affectations be signs of a time that does not pass? In order to answer this question, this article intends to situate affects in the psychoanalytic experience, assuming that, as phenomena, they may not be good guides for analysis. In this article, I explore in Lacan's work what makes it possible to articulate the manifest field of affections — the imaginary spatial di-

¹ Trabalho originalmente apresentado no Seminário das Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano em Salvador (BA), em 7 de agosto de 2024.

mension of the subject — and anguish, defined since the beginning as relating to desire and the times of castration. By pointing to the structural, anguish becomes a highlighted affect by indicating the direction of object *a*, an index of the real, not without articulating itself to the symptom and inhibition. Neurotic fantasy supports desire, in which the subject offers his castration to the Other, remaining temporarily trapped in this moment. In the analysis, the separation of desire from the Other is what allows the subject to sustain themselves in the face of the advent of reality without feeling threatened in their existence; modulations of language that allow affection to pass, affecting the temporality of each person's singular subjective experience.

Keywords:

Affections; Time; Anguish; Imaginary.

¿Son los afectos signos de un tiempo que no pasa?

Resumen

Es en nombre de los síntomas que afectan a un sujeto que se establece la demanda de tratamiento analítico. ¿Serán estas afectaciones signos de un tiempo que no pasa? Para responder a esta pregunta, este artículo pretende situar los afectos en la experiencia psicoanalítica, asumiendo que, como fenómenos, pueden no ser buenas guías para el análisis. En este artículo, exploro en la obra de Lacan lo que permite articular el campo manifiesto de los afectos — la dimensión espacial imaginaria del sujeto — y la angustia, definida desde el principio como relacionada con el deseo y los tiempos de castración. Al señalar lo estructural, la angustia se convierte en un afecto resaltado al indicar la dirección del objeto *a*, un índice de lo real, no sin articularse al síntoma y a la inhibición. La fantasía neurótica sostiene el deseo, en la que el sujeto ofrece su castración al Otro, quedando temporalmente atrapado en ese momento. En el análisis, la separación del deseo del Otro es lo que permite al sujeto sostenerse ante el advenimiento de la realidad sin sentirse amenazado en su existencia; Modulaciones del lenguaje que dejan pasar el afecto, afectando la temporalidad de la experiencia subjetiva singular de cada persona.

Palabras clave:

Afectos; Tiempo; Angustia; Imaginario.

Les affections sont-elles les signes d'un temps qui ne passe pas ?

Résumé

C'est au nom des symptômes qui affectent un sujet que s'établit la demande de traitement analytique. Ces affectations seraient-elles les signes d'un temps qui ne passe pas ? Afin de répondre à cette question, cet article entend situer les affects dans l'expérience psychanalytique, en supposant que, en tant que phénomènes, ils ne constituent peut-être pas de bons guides d'analyse. Dans cet article, j'explore chez Lacan ce qui permet d'articuler le champ manifeste des affections — la dimension spatiale imaginaire du sujet — et de l'angoisse, définie depuis l'origine comme relative au désir et aux temps de castration. En pointant vers le structurel, l'angoisse devient un affect mis en lumière en indiquant la direction de l'objet *a*, un indice du réel, non sans s'articuler au symptôme et à l'inhibition. Le fantasme névrotique soutient le désir, dans lequel le sujet offre sa castration à l'Autre, restant temporairement piégé dans cet instant. Dans l'analyse, la séparation du désir d'avec l'Autre est ce qui permet au sujet de se maintenir face à l'avènement de la réalité sans se sentir menacé dans son existence ; des modulations du langage qui laissent passer l'affection, affectant la temporalité de l'expérience subjective singulière de chacun.

Mots-clés :

Affections ; Temps ; Angoisse ; Imaginaire.

Sabemos que Lacan foi criticado pelos psicanalistas de sua época por supostamente não lidar com os afetos. A essa provocação, não recuou: apesar de já tratar dos afetos em vários momentos de seu ensino, ele dedicou um ano inteiro para situá-los na clínica psicanalítica. Ao propor o tema da angústia, escutou de seus pares que esse seria um tema menor. Era Lacan quem não dava importância aos afetos? Ao contrário; ele inaugura o trabalho dos anos 1962 e 1963 anunciando: “A angústia não parece ser o que sufoca vocês como psicanalistas. No entanto, não é demais dizer que deveria fazê-lo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 13). Talvez não estejamos mais nesse tempo, *vide* o próprio tema do Encontro Internacional: “A angústia, como fazê-la falar?”. A angústia, portanto, é o presente.

Em 2022, foi publicado no Brasil um trabalho de Colette Soler, de 2011, denominado *Os afetos lacanianos*. Eu retomo a pergunta introdutória de Soler, pois ela me parece atemporal: “Não é em nome dos sintomas que o afetam que um sujeito se dirige ao psicanalista para que ele o ajude a questioná-los e a reduzi-los?” E ainda: “quem se importaria em se curar, se os sintomas não viessem carregados de afetos dolorosos?” (Soler, 2011/2022, p. 7).

Como fenômeno que demanda tratamento, poderíamos dizer que os afetos são fenômenos de fixação; a descarga é sempre parcial; eles não passam apenas com o passar do tempo. Esses afetos de fixação nos são endereçados de diversas maneiras, seja de modo explícito, por meio de uma pergunta: “Por que me magoo tanto? Por que essa dor não passa?”, seja por meio de uma afetação no corpo que pode exprimir algo da realidade psíquica, como doenças ou sintomas somáticos. Também pode ser por um outro que reconhece um afeto doloroso naquele que insiste em negá-lo. Um afeto que movimenta a demanda por tratamento é, portanto, o que não para de passar, tornando-se constantemente presente.

Os afetos são evidentes para quem procura uma análise; para quem os sente, eles carregam a força da verdade (Soler, 2011/2022). Mas não é apenas para os sujeitos que eles se confundem com a verdade. Há diversas ferramentas criadas pelo humano que pretendem tratar o medo pelo medo, a raiva pela raiva, a ansiedade pela ansiedade, a depressão pela depressão, igualando a verdade do sintoma à expressão do afeto; porém, se a expressão é verdadeira no que tem de manifesto, não podemos dizer o mesmo sobre a verdade de sua causa.

Temos de lembrar que o que representa um sujeito não é o afeto, são os significantes recalcados (Lacan, 1962-1963/2005). Os afetos não são recalcados, eles se deslocam, movimentam-se, desprendem ou prendem, excedem-se ou se minimizam, e por isso não são efetivamente bons guias para o tratamento (Soler, 2011/2022). Portanto, o que fixa um afeto está relacionado com o que é de estrutural; compreende a interpretação da relação desejante entre o sujeito e o Outro, remete à fantasia, suporte do desejo. Ainda assim, saber que os afetos não são os melhores guias para o tratamento não deveria tranquilizar um analista, como se bastasse desconsiderá-los. Os afetos não têm um lugar menor na experiência subjetiva, e eles podem inclusive ocupar o lugar de um sinal.

Lacan os localizou em diversos momentos lógicos da constituição do sujeito: no que tange à imagem especular, ao júbilo da criança diante daquele que a reconhece; à relação de agressividade, como intrínseca à constituição do eu, do objeto e do desconhecimento constitutivo do humano. Como uma variável dessa agressividade, Lacan cita a cólera, referida como “os pininhos que não encaixam nos buraquinhos do Outro”, ou seja, o afeto que se apresenta na fratura da imagem especular. Há também a vergonha, que, segundo Soler, foi amplamente tratada por Lacan, e, especificamente no seminário *O avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992), aparece conectada à morte, no que a expressão “morrer de vergonha” revelaria quando o sujeito é convocado a lidar com o que de ex-timo lhe advém (Soler, 2011/2022, p. 129).

Em “Televisão” (Lacan, 1974/2003), dez anos depois de seu seminário sobre a angústia, Lacan é instado por J.-A. Miller a responder sobre o que faz com os afetos em sua teoria. Um tanto quanto afetado pela provocação, ele repete que sempre tratou dos

afetos, localizando especificamente os que interessariam à psicanálise: comoção, impedimento, embaraço — em outras palavras, inibição, sintoma, angústia. Mas não deixa de citar outros afetos, como a tristeza, a exaltação maníaca, o tédio e a morosidade. A tristeza (depressão) e seu oposto, a exaltação maníaca, ele os compreende como efeitos do rechaço da estrutura de linguagem. A excitação maníaca é descrita como um retorno no real do que foi rechaçado do inconsciente linguagem e que pode até ser mortal, precipitando o final. Dois afetos distintos que se encontram, porém no mesmo nível — o de recusa do inconsciente.

Essa pequena afirmação sobre os afetos da depressão e da excitação maníaca pode nos fazer pensar sobre o manejo do tempo em uma análise, especialmente naquilo que pode parecer uma cura: os atos de um sujeito quando saem da condição de tristeza, mas que podem levá-lo a riscos. Portanto, seria uma antecipação à ação sem passar pelo simbólico, sem dar tratamento ao gozo? Se, por um lado, podemos falar de uma precipitação do ponto de vista da ação, do comportamento, podemos também dizer que, no tocante ao gozo, nenhuma modulação temporal se faz sem passar pela estrutura.

E por estrutural Lacan localizou a angústia como único afeto que pode ser alçado à condição de guia de uma análise. Não o fez sem entrelaçá-la com a inibição e o sintoma, considerando-os parte de uma mesma série em níveis diferentes de comoção e perturbação do sujeito. A questão do tempo é intrínseca à tríade inibição, sintoma, angústia: “Estar impedido é um sintoma. Ser inibido é um sintoma posto no museu” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 19). Como não ver a temporalidade já explicitada nesse comentário? Um sintoma no museu pode ser considerado o resultado do trabalho ativo da inibição para preservar o passado, mantê-lo fixo como um tempo que não passa.

Lacan se refere a uma orografia da angústia, o que significa localizar quais são os pontos privilegiados em que ela emerge. Ou seja, ela não surge em quaisquer circunstâncias, há conjunturas. É curioso que Lacan aqui trate a angústia como uma orografia, o que nos remeteria a uma localização espacial. Pois, desde seu texto “A agressividade em psicanálise”, de 1948, Lacan (1948/1998) nos diz que a angústia está relacionada com a dimensão temporal. Nesse texto, o espacial corresponderia ao registro do imaginário, em que sintomas estão articulados “como ilhotas excluídas, escotomas inertes ou autonomismos parasitários nas funções da pessoa. À outra dimensão, temporal, correspondem a angústia e sua incidência, seja ela patente, no fenômeno da fuga ou da inibição, seja latente, quando só aparece com a *imago* motivadora” (Lacan, 1948/1998, p. 112). Vamos entender então do que isso se trata.

Nesse mesmo texto, Lacan situa diversos afetos no mesmo nível — “o medo fantasístico, a cólera, a tristeza ativa, ou a fadiga psicastênica”, a fim de indicar a contribuição da psicanálise à psicologia das emoções (Lacan 1948/1998, p. 113).

Para isso, propõe deslocar-se dos fenômenos para a metapsicologia. Ele parte das identificações do sujeito — primária e secundária —, as quais denomina respectivamente objetivante e simbólica. À primeira identificação, Lacan indica que a precipitação do sujeito para se localizar em uma unidade ante sua fragmentação corporal é erótica — afetiva, portanto (Lacan, 1948/1998). É a dimensão do eu, alienante, que torna estranho ao sujeito o que lhe pertence; é *ex-timo*. Ou seja, há modulação dos afetos diante dessa composição espacial que é o corpo, a partir da qual nasce a tríade eu, outro, objeto. A esse reconhecimento limitado, algo do investimento primitivo escapa, um “resto não imaginado deste corpo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 71).

Lacan nos diz que a identificação, composição espacial da imagem especular, é atravessada pela ordem temporal. No seminário sobre *A transferência* (Lacan, 1960-1961/2010), ele nos diz que a pressa é uma característica do humano, e ela se apresenta nas identificações: “apresso-me em me ver semelhante a ele (ao outro), senão, onde irei estar?” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 442). Porém, essa pressa não é a da angústia, pois a angústia é da ordem do desejo. Na precipitação da identificação especular, ocorre a suspensão da dialética subjetiva, o que seria um momento de paralisia decorrente desse reconhecimento. São os avanços pulsionais, afetados pela linguagem, que imprimem ao sujeito uma relação dialética entre as relações objetais e a instância simbólica das identificações, pois:

É em todas as fases genéticas do indivíduo, em todos os graus de realização humana em sua pessoa, que encontramos esse momento narcísico no sujeito, num antes em que ele deve assumir uma frustração libidinal e num depois em que ele transcende a si mesmo numa sublimação normativa. Essa concepção faz-nos compreender a agressividade implicada nos efeitos de todas as regressões, de todos os abortamentos, de todas as recusas (...) especialmente no plano da realização sexual (...) no interior de cada uma das grandes fases determinadas na vida humana pelas metamorfoses libidinais cuja grande função a análise demonstrou: desmame, Édipo, puberdade, maturidade ou maternidade, ou mesmo clímax involutivo. (Lacan, 1948/1998, pp. 121-122)

Aqui, a meu ver, fica exposta a dimensão temporal implicada nessa dialética. A agressividade seria um efeito regressivo, uma tentativa de recomposição desse momento anterior à castração que o sujeito acaba por enfrentar. Uma forma de recobrir a angústia. A esses momentos, Lacan (1962-1963/2005) denominou falta da falta, expressão à qual ele completou, no “Prefácio à edição inglesa do seminário 11”, como “a falta da falta constitui o real” (Lacan, 1976/2003, p. 569).

E no próprio *Seminário 11*, ele nos diz assim: “A angústia de castração é como um fio, que perfura todas as etapas do desenvolvimento. Ela orienta as relações que são anteriores a sua aparição propriamente dita (...) se os estágios são consistentes, é em função de seu registro possível em termos de mau encontro” (Lacan, 1964/2008, p. 68). Esse mau encontro, não copulatório, traumático, é a desarmonia constitutiva entre o gozo e linguagem (Lacan, 1972-1973/2008). Portanto, no que diz respeito ao tempo, o sujeito do inconsciente estaria preso ao instante desse encontro faltoso (Soler, 2011/2022).

No texto sobre a agressividade, Lacan descreve esse instante como um cruzamento espacial e temporal — entre a imagem especular e a angústia —, pois nele haveria uma espécie de “despedaçamento original”, denominada por Freud “pulção de morte” (Lacan, 1948/1998, p. 126). Nesse texto, Lacan ainda não distingue a identificação especular *i(a)* da identificação ao objeto (*a*), embora seja possível notar que esteja ali contida. Pergunto-me: a esse “despedaçamento original” poderíamos vincular a assunção do objeto *a*? Aqui, a angústia passaria, então, a ser articulada ao real, o qual o sujeito adentrou pela experiência traumática do encontro com a linguagem. Sendo, portanto, um índice do real, é um indicador clínico. E o que é ser um índice do real? Trata-se dos pontos da orografia da angústia, nos quais a fantasia e o sintoma não foram suficientes para mantê-los recobertos.

Trago uma vinheta clínica para ilustrar essa condição. Um sujeito, diante de seu mal-estar em algumas decisões, reconhece no Outro materno a não aceitação dessas. É, então, tomado por um sentimento de culpa e raiva, que se repete a cada decisão realizada. Ante o vazio que emerge ao não saber se está tomando boas decisões, a interpretação que lhe advém é: “O Outro quer me punir”, mensagem recebida como “quer que eu permaneça como criança”. Instaura-se aí a relação fantasmática, suporte desejante entre sujeito e Outro, em que o sujeito lê sua imagem como se lhe viesse do outro.

A raiva dirigida à imagem especular que o sujeito tenta recompor atesta, ao mesmo tempo, que essa imagem já está fraturada, e a fantasia tenta encobrir o encontro faltoso que a demanda expõe. E assim se seguem os sucessivos desencontros com o desejo e as sucessivas tentativas de recobrimento junto à raiva que não passa. Poderíamos nos perguntar: seria a raiva expressão da garantia do Outro como desejante? Uma fixação.

Lacan nos dirá que não é a falta da imagem que faz surgir a angústia, pois a angústia está na ordem do desejo. O sujeito tenta preservar a imagem que constituiu como se viesse do Outro, pois assim impede que o afeto da angústia possa surgir (Lacan, 1960-1961/2010, p. 444). “É por isso que o neurótico faz da sua castração o que garante a existência do Outro” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 57), para não se deparar com a angústia.

Diante da castração, o sujeito se vê ameaçado em sua existência. Ressalto aqui uma das primeiras condições da angústia, que Lacan ilustra com a metáfora do louva-a-deus, no início de seus seminários sobre o tema. Nela, Lacan não diz apenas que o sujeito não sabe o que o louva-a-deus quer. Ele diz que o sujeito não vê a própria imagem “no espelho enigmático do globo ocular do inseto”, diante do que o sujeito não pergunta “*Como me quer ele?*”, mas, sim, “*Que quer ele a respeito deste lugar do eu?*” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 14). O que faz pensar no lugar do eu como objeto.

Retorno à vinheta: o efeito do vacilo fantasmático é atestado pelo sujeito ao não se situar no desejo do Outro. “Eu caio”, ele diz. Nesse tempo, há o que podemos chamar de destituição selvagem, sem os efeitos de uma análise. É o que Soler (2011/2022) nos indica que encontramos na experiência clínica: a falta e o recobrimento da falta, a presente ausência do objeto no lugar da causa.

Esse instante, em que a imagem não é suficiente para recobrir o real, pode soar como se fosse o fim dos tempos para o sujeito, o que escutamos nas frases de diversos sujeitos que se assemelham a esse cair, ao parecer que vai morrer. A desarmonia do sujeito com o desejo no Outro, curiosamente, expressa a precipitação afetiva de sensação de morte, da ameaça da existência. Mas, por outro lado, pode ser um efeito que possibilitará a instauração do tempo do sintoma analítico. A angústia emergente, ao ser colocada em palavras, pode fazer com que a destituição subjetiva que entra em causa na ausência desse desejo no Outro possa ser subjetivada.

Retomo a vinheta: as repetições se seguem até surgir, nas associações livres, a seguinte frase significante: “o Outro parece uma criança”. O surgimento do infantil do Outro se mostra como um campo de desejos que estão para além daqueles dirigidos ao sujeito, reposicionando-o ante esse suposto desejo do Outro, agora não mais todo recoberto pela fantasia do desejo de punir. O efeito do encontro com esses ditos nesse outro tempo, que é o tempo da análise, faz com que apareça, ainda que de modo incipiente, um tempo em que o sujeito pode situar-se fora da mirada punitiva sem cair, sustentando-se. Qual é o efeito nos afetos? É o próprio sujeito quem nos dá o tom, inserido em outra temporalidade afetiva: “agora, a raiva até passa”.

Para parar de se afetar, livrar-se desse afeto tão desprazeroso, não basta um conselho do tipo: “deixa isso pra lá”, embora algo desse conselho aponte para uma questão estrutural que permite avançar em uma análise, que é deixar algo ir. Não à toa, quando algo do sintoma é tocado e demovido, é comum escutar como efeito uma espécie de passagem do tempo. Cito duas frases escutadas: um sujeito que diz “agora me sinto virando adulto”; um outro que comenta: “comecei a correr quando vi quanto tempo eu tinha perdido”. Avançar no tempo, recuperar um tempo, um dos efeitos da análise é afetar a relação do sujeito com o tempo.

É importante lembrar que é por meio da fala dirigida ao analista que se pode criar outro tempo para os significantes. Nesse caso, é por uma interrogação ao dito “parece uma criança” que ele alcança o *status* de significante. Embora o sujeito já convivesse com os ditos desse Outro, eles estavam recalcados na escuta do sujeito, apesar de presentes no mesmo tempo-espço psíquico. Essa é uma característica que me parece importante salientar, na medida em que ilustra a noção do inconsciente linguagem como o que aparece a partir da hiância, da fenda que se abre e faz emergir um campo que está para além da fantasia. Parece-me que é essa ação analítica, que é operação de linguagem, que torna possível que algo presente entre em outra temporalidade, desafetando o sujeito, e seu afeto que, então, pode passar.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1969). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1948)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Soler, C. (2022). *Os afetos lacanianos*. São Paulo: Aller. (Trabalho original publicado em 2011)

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024